

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte DESP Class.: Política Ind. Oficial
Data 06/09/93 Pg.: 3

1516

Enfim, rolou uma cabeça

Depois de sucessivos enfrentamentos do presidente da Funai com vários órgãos do governo, o presidente Itamar Franco demitiu-o, talvez por ter chegado à conclusão de que nenhuma administração resiste a duas fontes emisoras de confusão. Uma é suficiente. O próprio chefe do governo.

O antropólogo Cláudio Romero, amigo pessoal do ministro Maurício Corrêa, criou problemas desde sua nomeação. Quando a ocasião de seu nome alcançou dimensão internacional chegou, com todo o drama do caso ianomâmi, a experiência de Romero em criar confusões foi decisiva; no mesmo momento em que anunciava a morte

Rolou a cabeça do presidente, mas o corpo da Funai continua sendo um problema para os índios

de 70 índios, número redondo, o presidente da Funai informou o resultado definitivo de sua investigação: os garimpeiros eram os culpados. O raciocínio dedutivo do presidente da Funai era impecável: em julho, depois de outro enfrentamento entre garimpeiros e índios, a Funai destruiu equipamento, motores e pista de pouso em Roraima. Revoltados com tanta eficiência da Fundação — o antropólogo registrou a bem da verdade o mero “apoio” da Polícia Federal —, os garimpeiros primeiro refugiaram-se na mata e depois “atacaram”. As exatas sete dezenas de ianomâmis mortos eram a prova das suas palavras.

Ante tais evidências, o ministro

da Justiça mais o procurador-geral da República compareceram ao local do massacre; a partir da abalizada opinião do presidente da Funai, as autoridades garantiram que “índio não mente”. Com certeza por não apreciar o estilo os representantes do poder não tenham prestado atenção à desilusão do roqueiro oficial dos povos da floresta, aquele que em abril último garantira que os índios: “tentam enganar você o tempo todo”, e acreditaram na primeira versão disponível. Sem empreender maiores investigações.

Agora rolou a primeira cabeça dos “crentes”. É verdade que para o ex-presidente da Funai sua demissão não tem importância; como poderá ter para quem, antes de comunicar as mortes dos ianomâmis ao governo brasileiro, preferiu fazê-lo às ONGs? Para quem deixou de comunicar ao Itamaraty

que diplomatas estrangeiros iriam à região? Quando as dezenas de corpos teimavam em não aparecer, a culpa da falha no “raciocínio dedutivo” passou a ser da negligência da Polícia Federal em localizá-los! Felizmente para o Executivo, como essa fonte de confusão é passível de demissão, foi demitida.

Essa demissão é apenas mais uma na história da Fundação, repleta de demissões rumorosas. Talvez seja necessário admitir que a Funai é mais um problema do que uma solução para o futuro do índio brasileiro. A cada um dos seus 4.600 funcionários, levando-se em conta os números da própria fundação, cabe cuidar de apenas 58 índios. Convenhamos que a relação custo/benefício desta estrutura exige alguma racionalização. Existe coragem política no governo Itamar Franco para emprender tal tarefa?